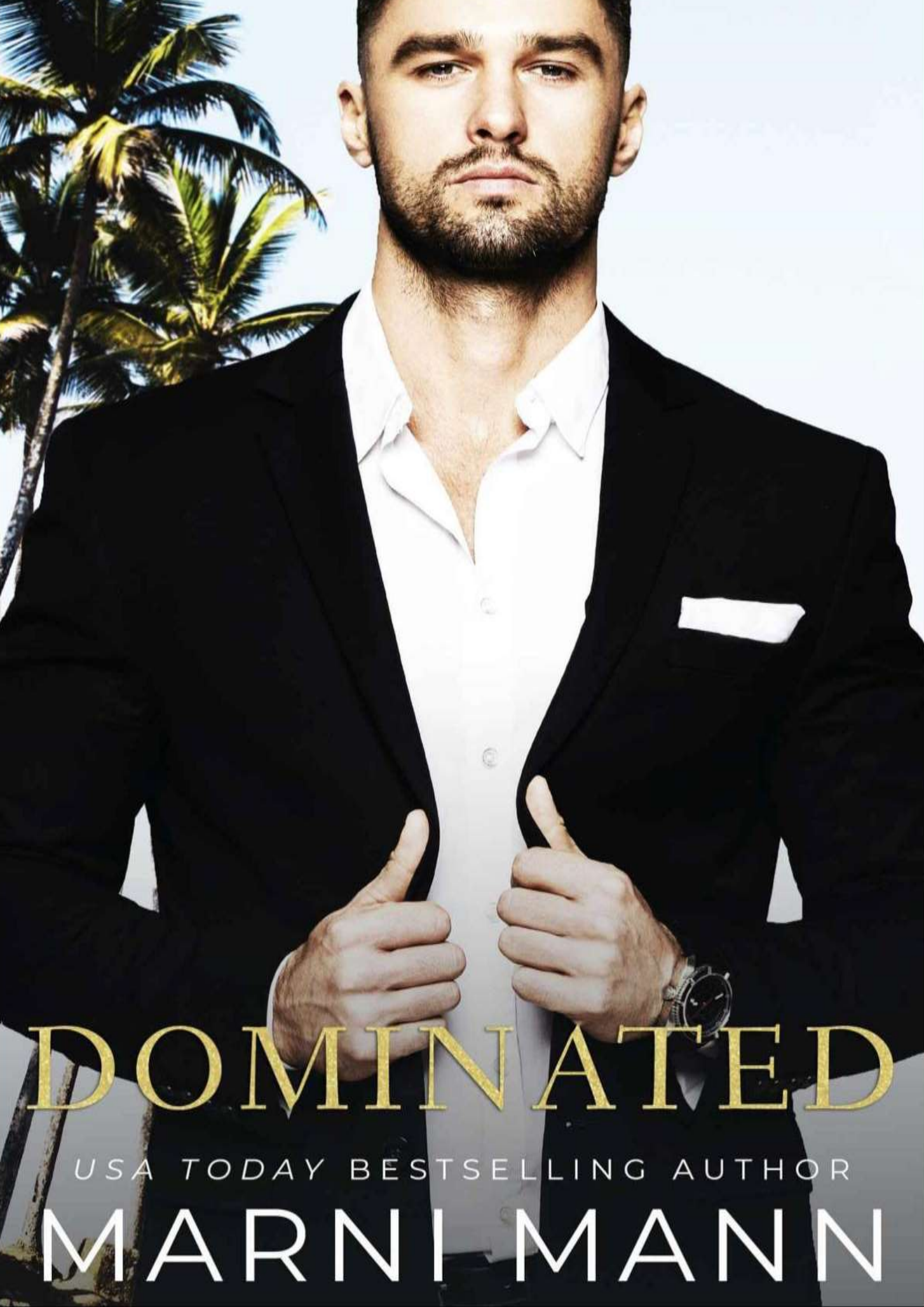




DOMINATED

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

MARNI MANN



Rebel's
Traduções

SINOPSE

Como dona do clube de sexo mais exclusivo do mundo, achei que era impossível namorar.

Até que Bale entrou na minha vida.

Ele entendia meus fetiches.

Ele cumpriu todas as minhas fantasias.

Ele me acendeu com uma paixão que eu nunca tinha sentido antes.

E então, uma manhã, ele se foi.

Desapareceu.

Nenhum vestígio dele em qualquer lugar - e eu olhei absolutamente em todos os lugares.

Quem era o homem por quem me apaixonei?

E ele voltaria?



CAPÍTULO UM

PEPPER

Como a dona do Lush – o clube de sexo mais quente e exclusivo do mundo – eu tinha visto alguns homens incrivelmente bonitos e positivamente deliciosos se depararem com meus monitores. Com mais de trezentas câmeras em cada um dos meus locais de LA e Miami, observei as pessoas mais bonitas.

E eu os vi em todos os ângulos, em todas as fases do jogo.

Desde o momento em que entraram em um dos meus estabelecimentos, onde colocaram a mão no tablet de segurança para provar sua identidade, até quando vagaram pelos diferentes corredores, parando para ver os fetiches que estavam acontecendo em cada quarto, até o momento em que estremeceram com um orgasmo, fui capaz de assistir.

Não havia segredos no Lush.

Eu tinha projetado dessa maneira.

Então, quando Bale apareceu no meu clube em LA, eu notei.

Aliás, até fui avisada.

Três longas semanas se passaram desde a última vez que ouvi falar dele, quando ele desapareceu no meio da noite sem sequer sussurrar adeus. Ele deixou um bilhete no meu travesseiro — quatro palavras frias e solitárias escritas no pedacinho de papel.

Não me procure.

Naquela manhã, com o bilhete ainda em minha mão, eu imediatamente sinalizei sua adesão, garantindo que seria alertada se ele tentasse entrar no clube. No segundo em que suas impressões digitais fossem escaneadas na porta, uma mensagem apareceria no meu telefone.

Como a que eu estava olhando agora.

Meus relacionamentos normalmente não duravam muito. Com o negócio em que eu estava, sempre havia ciúme, desconforto, julgamento - eu entendia isso e mergulhei com poucas expectativas.

Mas as coisas com Bale pareciam perfeitas.

E foi por isso que, depois de quatro meses inseparáveis juntos, eu não conseguia entender por que ele foi embora.

Eu também não conseguia entender por que ele voltou às duas da manhã, em uma terça-feira aleatória, vestido com o terno preto de três peças mais elegante, olhando para a câmera na entrada da frente do clube de Los Angeles com uma plano claro em seus olhos.

Acendi o abajur de cabeceira e saí de debaixo das cobertas, pegando um roupão do banheiro. Cruzei o tecido sedoso pelo corpo ao entrar no escritório em casa, sentando atrás da mesa com tampo de vidro, sacudindo o mouse para ligar o monitor. Depois de inserir uma série de códigos que me permitiram entrar no sistema de segurança, escolhi o vídeo que mostrava a progressão de Bale se movendo pelo clube.

Ele parecia estar tomando seu tempo, cada passo deliberado enquanto fazia contato visual com os monitores pelos quais passava.

Ele sabia.

E ele estava... me seduzindo.

Inclinei meu peito na borda da minha mesa, chegando mais perto da tela. — Onde você esteve, Bale Pierce?

Eu observei seus lábios enquanto ele estava na frente do bar e pediu ao barman um coquetel.

Tanqueray e tônica.

A única coisa que ele bebia.

Assim que o copo estava em sua mão, ele se virou, encostando as costas na beirada do balcão, olhando para a câmera à sua frente.

Silenciosamente chamando por mim.

Mas eu não estava me movendo.

Em vez disso, eu o estava observando, juntando as peças das mudanças sutis, tentando entendê-las.

Sua pele estava muito mais bronzeada. Seu cabelo castanho-dourado um pouco mais comprido, onde ele o colocou atrás das orelhas, as pontas enroladas em torno de seus lóbulos. Seus ombros ainda pareciam um pouco mais largos, como se ele tivesse aumentado seus treinos não apenas de peso, mas também de número de séries.

— O que diabos você tem feito? — Eu sussurrei.

Ele sorriu para a câmera como se tivesse me ouvido, e então se afastou do bar e se dirigiu para o lado esquerdo da câmara central, em direção ao corredor mais íntimo dos cinco.

O corredor onde, bem no final, ficava meu quarto particular.

De todos os quartos dentro do meu clube de LA, esse era o único que usava. Um que não era para atrair membros, mas dominantes que conheci do lado de fora, trazendo-os para lá em vez de minha casa.

Um quarto que eu havia projetado especificamente para meus fetiches.

Um que só pode ser acessado por uma chave.

E apenas duas chaves existiam.

Meu coração começou a bater forte.

A umidade umedeceu as dobras da minha boceta.

Bale sabia o que estava fazendo.

E ele tinha minha atenção.

Ele parou do lado de fora da última porta, sua mão lentamente alcançando seu bolso.

A batida no meu peito se tornou explosiva quando ele puxou uma chave.

A chave que eu dei a ele.

Sua gêmea prateada brilhante estava em segurança no cofre do meu quarto.

Ele deslizou apenas a ponta da chave na fechadura, e então olhou por cima do ombro, olhando diretamente para a câmera do corredor. *Dez minutos*, ele murmurou.

Esse era o tempo que ele estava me dando.

Um segundo mais de dez minutos, e a punição começaria.

O tempo que ele escolheu foi calculado. Ele sabia que eu levava exatamente sete minutos para ir da minha casa para o clube e mais um minuto para estacionar e entrar, o que me dava dois minutos como um amortecedor no caso de eu pegar o trânsito ou um funcionário me parar para falar.

Mas algo me disse... ele só queria me punir.

Esse pensamento foi confirmado quando seu olhar se estreitou, sua língua lentamente roçando o interior de seu lábio inferior antes que ele virasse o rosto para longe do vídeo e destrancasse a porta. Uma vez que estava aberta, ele entrou, parando na frente da mesa no centro da sala.

Um lugar onde eu tinha sido amarrada muitas vezes antes.

Cada uma dessas vezes por Bale.

Ele passou a mão pela barba bem aparada, o olhar fixo no olho da câmera, e deu um olhar que eu conhecia muito bem.

A umidade encharcou o roupão de seda debaixo de mim.

Eu tive que lutar contra minha mão para não afundar na minha boceta, me dedilhando até que eu gozasse, porque no momento em que ele murmurou, *Nove minutos*, eu sabia que estava muito perto.

— Porra, — eu engasguei, me empurrando para fora da minha cadeira, olhando para o monitor enquanto eu saía da sala.

A cada passo, seus lábios me prometiam uma liberação, seus olhos ordenando que eu me submetesse.

Ele acreditava que ainda tinha esse tipo de poder sobre mim.

A verdade era... ele tinha.



CAPÍTULO DOIS

BALE

Os homens que tiveram a sorte de se tornarem membros do Lush tinham que cumprir certos requisitos. Requisitos que os diferenciavam de um cara comum. Eles precisavam ter um crédito excelente, um histórico totalmente limpo e uma renda anual de mais de um milhão por ano.

No papel, eu tinha os três.

E depois de dez meses na lista de espera, finalmente fui notificado de que havia sido aceito.

Exceto que a pessoa naquele aplicativo não era eu. Não foi o meu número de Seguro Social que a equipe de Pepper investigou minuciosamente, nem foi o meu endereço que eu listei como residencial, e eu não estava empregado como gerente de fundos de cobertura, embora eles tivessem confirmado meu trabalho.

Bale Pierce era uma persona que minha equipe havia criado para me colocar dentro da Lush. Para me colocar em uma posição onde eu pudesse obter as informações que eu tinha sido contratado para encontrar.

Como estabelecido, esse era o meu trabalho – encontrar, fazer as coisas acontecerem.

Para fazer coisas e pessoas desaparecerem.

E o que eu queria de Pepper Michaels eram respostas.

Mas antes de confrontá-la com essas perguntas, primeiro tive que fazê-la confiar em mim e aprender tudo sobre ela. Seus hábitos, seus interesses.

O que deixava sua boceta molhada.

Tudo isso exigiu algum planejamento, porque o que eu aprendi rapidamente foi que Pepper não ia a nenhum dos clubes com frequência, então isso não me deu a chance de estar perto dela. Para cativar ela. Para mostrar a ela meu domínio.

Portanto, tive que contar com minha equipe para invadir seu sistema de segurança, observando o movimento de seu computador pessoal. Com esse acesso direto, eu podia ver quais vídeos ela assistia com mais frequência, em quais salas ela se concentrava, em quais homens ela dava zoom.

Eu a estudei.

Eu preparei.

E eu estava finalmente pronto para atraí-la.

Por sete dias seguidos, entrei em seus quartos mais vigiados, sabendo que ela estava vendo o vídeo. Naquela época, eu mostrei a ela como minha língua podia ser torturante, como minhas mãos podiam ser manipuladoras, como eu poderia dar a ela exatamente o que ela desejava.

Negação do orgasmo.

Esse era o fetiche preferido de Pepper.

E eu me tornei um fodido especialista nisso.

Depois desses sete dias, ela veio ao clube e me procurou. Ela me queria – minha língua, minhas mãos, meu fodido pau.

Foi assim que começou.

Mas algo aconteceu logo depois que eu não tinha previsto. Algo que, nos dez anos em que fazia esse trabalho, nunca havia acontecido antes.

Eu me apaixonei pelo meu alvo.

Passei todas as noites com Pepper. Falei com ela sobre um futuro.

Eu disse a ela que me importava com ela.

E eu fiz.

Mas depois de quatro meses juntos, nosso tempo acabou.

Eu tive que ir.

Não era o que eu queria. Eu simplesmente não podia adiar mais, não com meus parceiros se perguntando por que eu não tinha retornado ou meu cliente ameaçando me demitir.

Eu empurrei o prazo o máximo que pude, e então desapareci no meio da noite.

Não lhe dei nenhum aviso, nenhuma explicação, nenhuma maneira de entrar em contato comigo. Tudo o que deixei para trás foi um bilhete, tão frio quanto a minha partida.

Uma vez que eu tivesse ido, não havia como ela me encontrar. Bale Pierce não existia mais. Ele desapareceu no papel tão rápido quanto foi criado.

O cliente me pagou meio milhão pelos meus serviços e eu passei para o meu próximo emprego.

Isso foi há três semanas, e nesse tempo, eu pensava nela sem parar. Eu a desejava. Minhas malditas mãos se contraíam por ela.

E quando recebi outro emprego em Los Angeles, sabia que seria impossível ficar longe. Para não me encontrar vagando pelo clube. Para não enterrar minha boca em uma boceta que eu ainda sonhava todas as noites.

Então, agora, eu estava aqui, de pé em nosso quarto, correndo meus dedos sobre nossa mesa.

Planejando o que eu ia fazer com o corpo dela.

Eu tinha oito horas até que o avião particular me levasse de volta à Costa Leste.

Oito horas para fazer qualquer coisa que eu quisesse.

Oito horas para devorar Pepper.

Se ela não me quisesse, ela teria me negado a entrar em seu clube. Isso era o que eu esperava – que o segurança imediatamente me mandasse embora no momento em que ele escaneasse minha mão, minha associação revogada.

Mas isso não aconteceu.

Ainda assim, eu sabia que ela tinha sido avisada da minha chegada.

Eu sabia que ela tinha me visto pedir uma bebida.

Eu sabia que ela tinha se molhado quando enfiei a chave na fechadura.

Eu sabia que ela tinha me visto entrar em seu quarto privado.

E eu sabia que ela tinha lido meus lábios quando eu lhe dei uma contagem regressiva.

A única coisa que restava era... esperar e se preparar para seu delicioso castigo.



CAPÍTULO TRÊS

PEPPER

Eu tinha aberto o Lush porque não havia um clube de sexo em LA que me desse tudo que eu precisava como membro – um lugar seguro para explorar minhas fantasias, um ambiente que fosse tão sexy quanto as pessoas dentro dele, e exclusividade. Só porque alguém gostava de brincar não significava que deveria ser permitido passar pelas portas. Tinha que haver regras, e descobri que a maioria dos estabelecimentos não tinha nenhuma. E se o fizeram, não eram respeitados.

Eu prometi a mim mesma que meu clube seria diferente.

Seria cheio de riqueza.

Poder.

Domínio.

Submissão.

As afiliações seriam dadas aos que ansiassem por elas e aos que as merecessem, mas haveria uma quantidade limitada. Para se qualificar, cada candidato era minuciosamente pesquisado e alguns critérios tiveram que ser atendidos. Uma vez que eles eram aceitos no Lush, seus membros ganharam acesso em Los Angeles ou Miami. As instalações de Nova York, Vegas e Londres seriam inauguradas nos próximos dois anos.

Esta não era apenas a minha paixão.

Este era um negócio, e eu o tratava como um.

Portanto, eu segui meu próprio conjunto de regras. A primeira – e mais importante – foi que eu não fodia no clube. Na verdade, a menos que

fosse para fins profissionais, eu nem me misturava com os membros enquanto eles estavam sob meu teto. Eu mantinha um escritório acima dos dois clubes, bem como o da minha casa, e era lá que eu trabalhava.

Sexualmente, minhas necessidades eram atendidas, minhas fantasias eram cumpridas - elas simplesmente aconteciam em outro lugar.

Isso foi... até Bale.

Lembrei-me da primeira vez que o vi. Eu estava em casa e tinha acabado de receber o jantar. Eu o estava trazendo para minha mesa, uma noite em que pretendia trabalhar até a manhã seguinte. Um alerta apareceu na minha tela, notificando-me que Bale havia entrado no local de LA. O sistema foi configurado para rastrear novos membros. Monitorar suas primeiras visitas era extremamente importante – outra regra que eu havia estabelecido. Eu pessoalmente garantiria que eles seguissem as diretrizes que estavam em vigor, que eles estivessem se misturando bem com os outros, que eles passassem no período de teste.

Na primeira noite de Bale, ele usava um terno semelhante ao que vestia esta noite. Seu cabelo estava mais curto, sua barba aparada e afiada. Ele andava com confiança, uma amplitude que se estendia além de sua estatura muscular. Seu sorriso era ligeiramente sinistro. Sua beleza e sensualidade atraíam a atenção imediata - desde o jeito como ele movia o corpo quando andava, até a forma como segurava o copo no bar, até a maneira como lambia os lábios.

Alguns homens repeliam a noção de sexo; alguns o definiam.

Bale era o último.

Gostei do que vi.

Até o ponto em que eu esqueci a razão pela qual eu estava olhando para ele em primeiro lugar, e me vi incapaz de desviar o olhar.

Assim que saiu do bar, desceu um dos corredores e parou na primeira porta. Dentro do quarto, uma mulher estava amarrada a uma cadeira, com os olhos vendados. Havia uma mordaca em sua boca.

Ela estava lá sozinha, esperando que alguém se juntasse a ela.

Sem hesitar, Bale abriu a porta e entrou, indo direto para o armário no canto. Ele escolheu uma longa pena de uma das gavetas e trouxe para ela. Minha boceta formigava em antecipação. Enquanto ele corria a pena para cima e para baixo em seu corpo nu, meu clitóris pulsava.

O clube de LA estava aberto há sete anos. Eu não era insensível. Certamente houve momentos durante a minha visão e observação que causaram uma agitação no meu corpo.

Mas nunca assim... e nunca tão de imediato.

Bale era dono do meu olhar.

Eu não conseguia parar de fantasiar que a pena estava em mim. Que as bárbulas¹ macias e fofas estavam roçando minha pele, me negando o que eu mais queria.

Um orgasmo.

Era isso que ele estava fazendo com ela.

Minuto após minuto de pura luxúria.

De necessidade.

Desejo.

E durou horas.

Ela nunca gozou. Ele não a deixaria.

Mas eu fiz.

A tortura lenta teve três dos meus dedos empurrando dentro da minha boceta, a umidade escorrendo até o meu pulso.

Ele era o parceiro dos meus sonhos.

E na noite seguinte, eu o vi negar um orgasmo para outra mulher.

A terceira e quarta noites foram idênticas.

Depois de uma semana, meu corpo não aguentava mais. Eu precisava experimentar Bale por mim mesma.

Mas isso significava quebrar minha regra mais importante.

Na minha cabeça, justifiquei minhas ações. Era uma brincadeira, não uma relação sexual. Era um teste para ter certeza de que ele era perfeito para o meu clube, não para minhas próprias necessidades. Era uma coisa única e nunca mais aconteceria.

Eu me convenci.

¹ As bárbulas fazem parte das ramificações formadas pelas penas de contorno: o tronco, ou eixo, é a raque e as barbas são as derivações principais, transversais na raque como os dentes de um pente.

Eu me tranquilizei.

E então entrei no clube momentos depois que ele chegou uma noite, seguindo-o até o arco de um dos quartos, onde ele havia parado para observar. Dois membros estavam mergulhados em uma cena, equilibrando-se em um balanço que estava a vários metros de altura.

Enquanto seus olhos estavam no casal, os meus estavam nele.

No momento que mudou, quando seu olhar encontrou o meu, eu engasguei silenciosamente.

Meu corpo explodiu em carentes, desesperados, minúsculos arrepios.

Minha boceta apertou.

Este era o homem que ia me dar um nível de prazer que eu nunca tinha experimentado antes. Eu senti isso no ar, eu vi isso em seu rosto, eu sabia disso no meu íntimo.

E ele fez.

Exceto que eu não poderia parar em apenas um gosto.

Eu precisava dele noite após noite.

Até que ele saiu da minha casa e nunca mais voltou.

Até agora.

Enquanto eu me dirigia para o mesmo corredor que eu tinha ido naquela primeira noite em que estávamos juntos, aquele onde meu quarto privado estava localizado no final, eu encontrei meu corpo reagindo à expectativa de vê-lo.

Minhas mãos estavam formigando. Minha boceta pingando.

Meu coração dividido entre raiva e dor, meus pulmões tendo dificuldade em recuperar o fôlego.

Uma rápida olhada no meu relógio me disse que se passaram nove minutos.

Eu tinha trinta e seis segundos restantes.

Parei do lado de fora da porta trancada, meus olhos fechando por apenas um segundo. Eu estava aqui para obter respostas, nada mais. Eu estava aqui para satisfação verbal, não física.

Eu endireitei minha camisa, enfiei uma pequena mecha de cabelo atrás da minha orelha. Apertei meus dedos ao redor da chave no meu bolso, o frio do metal um contraste chocante com minha pele suada.

Não precisava entrar.

Eu poderia subir as escadas para meu escritório e observar sua reação do monitor quando os trinta e seis segundos se passassem.

Enviaria a mensagem de que eu havia lavado Bale Pierce da minha vida.

Mas eu sabia que não podia; não era possível.

Meu corpo não suportaria isso. Nem meu coração.

Então, eu abri a porta, nossos olhos travando no momento em que entrei. Seu olhar me seguiu até a mesa, onde parei do lado oposto de onde ele estava.

Dois metros nos separavam.

Parecia milhas.

— Você quer me dizer o que está fazendo aqui, Bale? — O som da minha própria voz me assustou.

O tom sem emoção.

A estrutura submissa das minhas palavras.

— Senti a sua falta.

Havia um tom em sua voz, uma fome na maneira como ele olhava para mim, como se eu fosse um lombo mal passado - sua temperatura favorita e corte de carne.

Meus olhos se estreitaram, uma risada baixa vindo da minha boca.

Ele estava sendo honesto?

Eu pensei que o conhecia bem. Acontece que eu não o conhecia.

Porque o homem que eu conhecia não teria ido embora.

Mas algo dentro de mim me disse que havia honestidade em sua resposta.

Um tipo de honestidade que eu não queria ouvir.

Se isso fosse verdade, doeu.

Eu teria preferido uma mentira.

— Por que?

Minha pergunta foi em camadas. Eu me perguntei se ele responderia ao topo ou ao fundo.

— Você não quer ouvir a resposta para isso.

— Não?

Ele inclinou a cabeça um pouco para o lado, seu olhar mergulhando no meu corpo antes de levantar lentamente para o meu rosto. — Não.

— Por que...

— Tenho oito horas até ter que sair de novo, Pepper, e não sei quando estarei de volta – se é que voltarei. Você quer perder esse tempo discutindo sobre algo que não posso mudar? — Sua mão foi para seu rosto, seus dedos correndo pelo centro de sua barba. — Eu não posso responder por que eu saí... mas você já sabe disso. Você estava apenas esperando, querendo. — Sua voz baixou quando acrescentou: — Precisando — Seus dedos pararam em seus lábios. — Você me procurou mesmo que eu tivesse dito para você não fazer isso, e você chegou a um beco sem saída desde que Bale Pierce se desintegrou no momento em que saiu de sua casa.

Eu procurei.

Eu tinha a porra da minha equipe inteira.

Mas Bale se foi – da minha casa, da internet, de toda documentação que eu coletei quando ele se inscreveu para ser membro.

As únicas migalhas que restavam eram memórias.

Eu tive muitas delas no pouco tempo que estivemos juntos.

Sua mão se moveu uma última vez para o topo da mesa, dobrando-se ao redor da almofada de couro. — Eu sei o que você quer. Eu sei o que você precisa. — As pontas de seus dedos ficaram brancas. — Não me negue de dar a você.

Mas foi uma negação.

Porque negação era o que eu queria.

Eu olhei para seus lábios, para suas mãos, para o comprimento de seu corpo que era mais poderoso, mais viril do que qualquer Dom com quem eu já estive.

Deus, ele era tão dolorosamente bonito.

— Bale...

— Eu quero que você se lembre de uma coisa, Pepper. — Ele se inclinou alguns centímetros, parando para inalar o ar, e eu sabia que ele estava procurando meu cheiro dentro dele. — Eu quero que você se lembre do que eu sou capaz.



CAPÍTULO QUATRO

BALE

Pepper era o tipo de mulher que precisava ser lembrada das coisas. Ela tinha a tendência de se concentrar no que não podia mudar em vez de apreciar o que estava bem na frente dela.

E esse era um homem que queria lambar sua boceta.

Eu não queria o coração dela envolvido nessa conversa. Eu queria que ela pensasse com seu corpo. Eu queria que ela ouvisse sua boceta.

Eu queria que ela tirasse a roupa e subisse na mesa, para que eu pudesse amarrar seus pulsos e algemar seus tornozelos. Seu gemido, sim, era a única coisa que eu queria ouvir.

— Eu sei que você quer isso — eu expressei quando ela ainda não tinha dito nada. — Se você não... então me pare.

Eu me movi para o lado dela da mesa, agarrando sua cintura, virando-a para mim. Ela me encarou sem lutar, sem quebrar o contato visual.

Calor irradiava dela.

Senti sua necessidade pulsando através de sua pele.

— Você nunca me desobedeceu neste quarto. — Coloquei dois dedos sob seu queixo e inclinei sua cabeça para cima. — Não comece agora.

Porra, eu senti falta de seus lábios.

Eu perdi aquele sorriso de merda.

Eu perdi a sensação de seu corpo quando sua umidade estava pingando sobre mim, quando seu aperto estava apertando meu pau.

A ponta do meu polegar roçou em sua boca, a suavidade de seus lábios roçando minha pele. — Tudo o que posso pensar é em te deitar naquela mesa e fazer com que você fique perfeitamente imóvel. — Inclinei meu rosto para baixo, para que ela pudesse sentir minha respiração. — Eu não me importo com o quão forte estou lambendo; o único movimento que quero ver de você é o subir e descer do seu peito.

Eu cerquei seu mamilo, beliscando-o através de seu sutiã. Espremendo. Puxando. Não parando por um segundo até que houvesse uma mudança em seus olhos.

A mudança não veio porque eu a tinha convencido. Ela cedeu no momento em que pisou neste quarto

A mudança foi para me punir.

Ela sabia que saciá-la era meu fetiche, minha necessidade, o que fazia meu pau pulsar.

E bastou beliscar seu mamilo para agradá-la.

Foda-me.

Eu deveria jogá-la sobre meu joelho e bater em sua bunda até que minha mão estivesse impressa nela. Mas tecnicamente, ela não tinha feito nada de errado. Ela não se moveu. Ela não tinha falado.

A única razão pela qual eu tinha visto a mudança era porque eu podia lê-la.

Mudei para o outro lado de seu peito, desta vez causando-lhe um pouco de dor.

Ainda assim, ela não se moveu.

Ela sabia melhor.

Ela era uma boa garota.

Baixei minha palma, pressionando-a contra o topo de sua boceta. Através de sua leggings, eu podia sentir seu calor. Estava me provocando. Implorando por mim. Eu levantei meu pulso para trás e bati meus dedos contra seu clitóris. O tecido era fino o suficiente para que ela pudesse sentir o ardor. O atrito.

Eu fiz de novo.

Na terceira vez, eu segurei sua boceta. Havia fogo sob meus dedos. Tanto que ela estava me queimando.

Mas mesmo com esse aperto forte e implacável, não houve resistência dela.

Sem rejeição.

E a cada segundo que eu a tocava, seus olhos ficavam mais satisfeitos.

Eu não podia esperar mais.

Fui até a cabeceira da mesa e me preparei. — Fique nua. Agora mesmo.



CAPÍTULO CINCO

PEPPER

As perguntas que eu queria fazer a Bale se foram, enterradas no fundo da minha mente. Não importava o quanto eu quisesse respostas; meu corpo estava gritando mais alto que meu coração.

Eu não estava mais no controle.

Ele estava.

Se uma discussão fosse acontecer, teria que acontecer fora dessas paredes, onde minha boceta não ansiava por sua atenção.

Eu tinha que dizer a ele.

Ele disse nenhum movimento, mas não disse nada sobre minha voz. E mesmo que ele tivesse me dado uma ordem, eu precisava parar por um breve momento.

— Bale — eu respirei.

Suas sobrancelhas se ergueram.

Seus lábios se separaram.

— Eu quero que você me prometa duas coisas.

Seu olhar se moveu para minha boca. — Estou ouvindo.

Alcancei a barra da minha camisa, levantando-a gradualmente sobre a minha cabeça, expondo meu sutiã de renda. Uma vez que foi solto, segurei os dois por vários segundos antes de jogá-los no chão. — Primeiro, você não vai pegar leve comigo.

Ele assobiou, — Foda-se — por entre os dentes antes de morder o lábio inferior.

— E segundo, você vai garantir que eu nunca esqueça esta noite. — Tirei minhas calças de ioga e chinelos - roupas que eu poderia pegar facilmente, já que estava com tanta pressa - e rastejei para a mesa. — Não pensei em nada além da sua língua nas últimas três semanas... e não consegui parar de me tocar.

Seu polegar acariciou o centro dos meus seios, meus mamilos endurecendo em picos rígidos. — Ninguém tocou em você desde eu?

Ele não merecia essa resposta.

Então, eu não dei a ele.

Mas de repente, seu rosto estava no meu, seus lábios pairando centímetros acima de mim. — Eu fui a última pessoa a tocar em você, Pepper?

Interessante ...

Eu me perguntava o que eu ganharia se eu mentisse.

— Sim — eu admiti com sinceridade.

Antes que as coisas começassem, eu precisava encontrar uma posição que eu pudesse manter enquanto ele me mantivesse aqui, então eu espalhei meu corpo sobre o couro, separando minhas pernas em cada borda, encontrando o conforto que eu precisava. Fiz o mesmo com as mãos, sabendo que ele ia prendê-las com alguma coisa.

— Você estava esperando por mim? — Ele traçou a parte de trás do meu braço, a sensação de cócegas me fazendo querer me contorcer. — Você estava esperando pela porra da minha língua?

Eu exalei, observando-o me tocar.

Observando-o se divertir.

Mas ele iria gostar da minha honestidade?

— Sim. — Meu peito subiu - a única coisa que eu tinha permissão para fazer - enquanto eu lutava contra o desejo de me mover. — Eu estava.

— Vou recompensá-la por isso.

Eu não sabia que ele ia fazer isso.

Mas eu esperei.

Ele virou as costas para mim, indo para o armário onde eu guardava todos os brinquedos. As algemas de metal, a corda e o barbante, as braçadeiras de plástico. Eu amava todos eles, e antecipar o que ele iria usar era parte da empolgação.

Com as portas do armário abertas, ele começou a tirar o paletó e a gravata, pendurando-os no canto da cadeira tantra. Sua camisa era justa e apertada, mostrando os músculos de suas costas, as curvas de seus ombros, a protuberância de seu tríceps.

Seu corpo ainda estava tão fresco em minha mente. Um que ele cuidava tão bem, um que estava ondulando com músculos. Um que tinha cabelo em todos os lugares certos. Eu costumava esfregar meu rosto no remendo em seu peito. Eu costumava agarrar seus antebraços quando o montava, perdida nos pelos grossos e escuros. Meus dedos costumavam mapear através da linha grossa que cortava seu abdômen, aquela que levava ao seu pau.

Seu pau.

Porra.

Essa era a parte mais perfeita dele. Cada centímetro era um deleite. A forma como a veia latejante corria pelo meio, a forma como a cabeça se alargava como a tampa de um cogumelo. A forma como a ponta frisava com esperma.

Sem camisa, ele pegou algo de dentro do armário e, quando se virou, vi que era uma corda. O material branco áspero queimaria minha pele e deixaria marcas, quanto mais eu lutasse.

Eu mal podia esperar.

— *Mmm* — eu gemi quando ele enrolou o primeiro círculo em volta dos meus pulsos, apertando os nós em ganchos debaixo da mesa. — *Simmm.*

Duas voltas em minhas mãos, a mesma quantidade para meus tornozelos, e o silêncio foi quebrado quando ele disse: — Eu quero você tão apertada que você estará à beira de sangrar — Ele deu um tapa no meu peito.

Eu gritei, mas não me mexi, o ardor ecoando pelo meu corpo.

— Sua boceta está molhada?

Não parava de apertar.

Não parava de pingar.

Eu não estava tão molhada desde a última vez que ele me tocou.

— Sim.

Ele me deu um tapa de novo, desta vez no umbigo com a ponta da mão. — Sim, o quê? — Ele não esperou; ele se moveu para o outro lado e deu um tapa naquele seio.

— Senhor — eu respirei. — Sim senhor.

Eu conhecia as regras.

No momento em que fui amarrada, começou.

Ele não era mais um igual.

Ele não era mais Bale.

— Eu tenho sido indulgente desde que você entrou neste quarto. Isso vai parar agora, entende?

— Sim senhor.

Ele acalmou a pele do meu peito, soprando ar quente contra ele. — Você é uma garota tão boa.

Meu clitóris chorou; meus dedos se fecharam em punhos.

Quando ele baixou para o meu estômago, raspando sua barba contra mim, eu quase tentei fechar minhas pernas, precisando do atrito do fechamento.

Mas eu não podia.

Eu estava contida.

Eu só tinha que tolerar a dor.

Ele deu alguns passos para trás, me vendo de um ângulo diferente.

Admirando seu trabalho.

A maneira como eu estava espalhada, vulnerável, completamente à sua mercê.

Apesar de seu desaparecimento, eu ainda confiava nele com meu corpo. Ele sabia o que eu poderia lidar e o que eu gostava. Ele respeitava nossa palavra de segurança. Ele não era o tipo de Dom que fazia isso para torturar.

O controle era o que o excitava.

O prazer o agradava.

E meu prazer foi o que o fez vir.

Enquanto ele estava ao pé da mesa, todos os lugares que seus olhos cobriam deixando um fogo para trás, ele balançou a cabeça. — Eu não sei como eu saí... — Ele cruzou os braços, como se estivesse se punindo. — E eu não sei como vou entrar naquele avião amanhã.

— Então, não vá.

Suas pálpebras se estreitaram, como se ele estivesse me testando. — Você sabe o que aconteceria se eu não o fizesse?

Meu coração voltou ao movimento, a pergunta me lembrando da dor que eu senti. Quando me concentrei nesse sentimento, piorou. Isso estragou. Especialmente porque desta vez, eu tinha a sensação de que seria para sempre, e Bale nunca mais voltaria.

A única vez que eu poderia passar com ele eram os quatro meses que ele já tinha me dado.

A queima da corda, o tapa da minha carne não poderia competir.

Sua partida pendente era muito pior do que aquelas.

Ele se moveu para frente até que a mesa estava pressionando contra ele. — Meus parceiros me encontrariam. — Ele parecia sem fôlego. — E eles me matariam.

Minha pesquisa me levou a um beco sem saída após o outro. Ninguém poderia desaparecer no ar a menos que nunca existisse em primeiro lugar.

Isso me disse que Bale estava envolvido em algo nefasto.

Não fiquei surpresa ao ouvi-lo falar da morte, mas ainda respirei fundo.

E ainda segurei.

— Você não desiste do tipo de trabalho que eu tenho, Pepper. — Ele torceu as mãos, como se as limpasse. — Você se aposenta quando está velho demais para se apresentar ou morre. Essas são as únicas opções.

Eu me perguntei quanto sangue havia naqueles dedos.

Eles eram tão maravilhosamente talentosos; Eu odiava pensar neles tocando qualquer coisa além das teclas do corpo de uma mulher.

— Aproveite esta noite... é tudo o que temos.

Cada sílaba vibrou através de mim.

E elas não pararam, incansavelmente me lembrando do que eu tinha e do que eu perdi.

Os Doms com quem estive não queriam relacionamentos; eles queriam variedade. Homens que viviam fora do estilo de vida não podiam me agradar; eles não preencheram minha subnecessidade, e eu imediatamente os afastei.

Bale foi o primeiro homem com quem eu vi um futuro.

Alguém que eu trouxe para dentro dessas paredes e as da minha casa.

Ele escorregou entre meus dedos antes que eu pudesse segurar sua mão.

Mas eu não podia permitir que esses pensamentos arruinassem as próximas oito horas. Eu precisava me concentrar no presente. Eu precisava levar tudo o que ele estava disposto a me dar.

Seus braços caíram, seus dedos pousando em meus tornozelos, subindo pelas minhas canelas e pelos meus joelhos, movendo-se para dentro das minhas coxas.

— Umidade — ele rosnou.

Feral.

Essa era a única maneira que eu poderia descrever seu olhar.

Estávamos de volta ao momento.

E — Oh Deus — estávamos prontos.

— Eu estive pensando sobre isso... — Ele alcançou minha boceta, passando por ela com o polegar. — Sonhando com o seu gosto. Seu calor. — Ele se inclinou sobre a mesa, colocando o nariz no topo do meu clitóris. — Seu cheiro. — Ele inalou. Não apenas uma vez. Foram respirações longas e profundas. — Você tem um cheiro incrível ‘pra’ caralho. — Ele olhou para cima, travando nossos olhos. — Eu estive procurando por esse cheiro no ar, Pepper. Eu preciso disso. — Ele fez uma pausa. — Eu preciso de você.

— Caramba.

Ele arrastou sua língua em meus lábios. — Tudo o que eu queria fazer nessas últimas três semanas era lambe-lo.

Cada vez que sua língua saía de cima de mim, o ar condicionado explodia contra minha pele úmida, enviando arrepios gelados por mim.

E a cada vez, ele voltava para me aquecer novamente.

Mas desta vez, houve uma sensação diferente.

Seu nariz estava lá em vez disso, encravado entre minhas dobras, queimando enquanto ele me inspirava. Ele me abriu mais para obter um cheiro melhor, suas exalações disparando através de mim.

Eu estava fazendo tudo o que podia para ficar parada.

Estava se tornando impossível.

— Porra... eu não consigo ter o suficiente de você.

Ele puxou o nariz para fora, agora me dando sua língua. Uma lambida dura e larga que percorreu todo o meu comprimento.

E o que saiu foi um grito longo e reprimido. — Senhor!

— *Mmmm*. — Seu rosnado era rouco e mais áspero do que antes. — Você tem um gosto melhor do que eu me lembro.

Quando ele me lambeu desta vez, ele cobriu todo o meu clitóris, parando no topo para sugá-lo em sua boca. Enquanto ele me cercava, ele agitou, usando apenas a ponta da língua.

Eu não me mexi.

Eu não arqueei minhas costas para fora da mesa.

Eu não puxei as restrições.

Mas eu queria, porra.

Porque a construção estava ali.

Ela veio quase imediatamente, ameaçando estourar no meu estômago.

— Não se atreva, porra — ele avisou, sua boca movendo-se para o meu mamilo, deixando-me com nada além de ar frio.

Meu corpo tremeu com a negação.

Eu adorei 'pra' caralho.

E eu gritei por isso, sabendo que ele não me daria, mas ainda gritando a plenos pulmões de qualquer maneira.

A pressa de descer me atingiu no momento em que ele chupou um dos meus mamilos em sua boca, mordendo a ponta.

Beliscando.

Dor misturada com prazer, e eu estava tão perdida, tão perdida que não conseguia diferenciar os dois.

Ele lambeu meu peito, golpeando meu clitóris com o polegar, como se eu fosse a corda de uma guitarra. Quando olhei para ele, os olhos que olhavam de volta pertenciam a um selvagem. Isso porque ele sabia que o ritmo e a pressão que estava usando eram suficientes para me tirar.

E dentro de alguns segundos, ele aliviou seu toque; ele abrandou a mão.

Se eu pudesse apenas capturar seu dedo, curvar algumas vezes, eu estaria de volta àquele lugar, aquela explosão rugindo através de mim.

Mas eu não conseguia me mexer.

Eu não conseguia dominar.

Eu não podia gozar.

— Porra, você está tão molhada. — Sua língua estava de volta em mim, o movimento tão lento que eu poderia chorar. — Eu poderia soprar em você, e você gozaria.

— Ah! — Eu gritei quando ele tentou.

Sua presença sozinha naquele lugar delicado foi o suficiente para que isso acontecesse. E começou — a bateria monótona no início, intensificando-se à medida que ele se concentrava no topo, lado a lado, gradualmente adicionando mais força.

Um formigamento estava batendo no meu umbigo, em toda a volta das minhas costas, afundando em minhas coxas. Uma ignição que acelerava a cada lambida.

Mas ele me leu.

Ele sabia.

E no momento em que ele parou, eu engasguei: — Senhor!

O ar frio foi como um soco no rosto.

— Abra sua boca. — Ele se moveu para o outro lado da mesa, a centímetros do meu rosto. — Ponha sua língua para fora.

Eu fiz como ele ordenou. O som da fivela do cinto preencheu o silêncio, o zíper baixando, a calça do terno caindo no chão. Seu pênis estava em sua mão.

Aquele pau lindo, perfeito e comprido.

Ele bombeou seu punho sobre ele várias vezes, olhando para meus lábios antes de trazê-lo para mais perto. — Basta lambê-lo.

Eu estiquei minha língua, da mesma forma que ele tinha feito comigo, e fui da base até a ponta. O gosto de sua pele me fez gemer. A dureza me fez pulsar. O olhar em seus olhos me fez implorar por mais.

— Por favor senhor. — Engoli em seco, precisando de sua gota de pré-sêmen na minha garganta. — Por favor, deixe-me ter mais.

— Um centímetro — disse ele. — Nem um centímetro a mais.

Ele apontou a ponta para meus lábios, e eu a cerquei, correndo minha língua em um círculo enquanto eu chupava.

— Foda-se — ele exalou, sua voz como vapor saindo de uma chaleira. — Chupe essa porra de pau.

Eu queria descer.

O desejo de senti-lo na minha garganta, tomar suas estocadas, vê-lo gozar, engolir um gole de sua semente era esmagador.

Mas eu não podia desobedecer.

Agora não.

Não quando esta era a nossa última vez juntos.

Então, eu tomei tanto quanto ele permitiu, lambendo a borda até que ele tirou seu pau da minha boca.

— Porra, você é boa nisso.

Ele se arrastou para a mesa, montando em meu rosto, passando seu pau pela minha testa, sobre o meu nariz, parando para provocar meus lábios e, em seguida, continuando sua jornada até que sua língua estivesse no meu clitóris.

— *Foda-se!*

Eu estava quase lá.

Ainda mais rápido desta vez.

Especialmente porque sua língua estava se movendo em uma velocidade que ele ainda não tinha dado para mim. Era como se uma bateria estivesse ligada à sua boca e ele tivesse colocado a configuração no máximo.

— *Ahhh!* — Eu gritei.

Eu gritei ainda mais alto quando ele enfiou dois dedos na minha boceta, girando o pulso para chegar ainda mais longe em mim.

— Senhor! Sim!

E então ele se foi, mordendo minha coxa, o lembrete congelante de que eu estava apenas a um fôlego e agora estava caindo novamente.

Ele beliscou todo o caminho até o meu joelho, e quando ele atingiu o osso, ele deu um tapa na minha boceta com os mesmos dedos molhados que estavam dentro de mim.

A segunda vez foi mais difícil.

Assim foi a terceira.

E a quarta.

Abri meus olhos, sem perceber que os tinha fechado, e tive que forçar minhas costas a não levantar, silenciosamente encorajando minhas pernas a não levantarem.

Eu vi vermelho.

Eu senti raiva.

Mas eu senti outra coisa que era muito mais forte.

E isso era culpa.

— Você me conhecer melhor — ele rosnou, seus lábios encharcados de mim.

Eu estava muito perto.

Eu ultrapassei os limites.

Mas ele tinha se sentido tão bem.

— Me desculpe senhor.

— Você quer que eu tire todo o prazer de você?

Não me atrevi a balançar a cabeça, embora quisesse enfatizar minhas palavras. — Não senhor.

— Então, não faça isso de novo.

Seus dedos deslizaram de volta para dentro de mim, movendo-se na velocidade mais torturante. Ele os manteve mergulhados e inclinou o pulso para frente para alcançar aquele ponto.

O que me deixou quase cega.

Aquele que me trouxe para um espaço do qual eu não conseguia sair.

— Você está me punindo.

Eu podia ouvir o quão molhada eu estava. Eu podia sentir as paredes da minha boceta apertando contra sua pele. A construção doce e agonizante estava de volta com uma vingança, começando na base do meu estômago.

— Estou te lembrando de quem está no controle.

— Nunca questionei.

Ele riu — um som delicioso e gutural. — Eu acho que você está errada sobre isso... — Sua língua retornou, passando na minha fenda.

Fiz tudo o que pude para não resistir. Não para me esfregar contra seu rosto. Para não permitir que meu corpo saltasse sobre aquela borda íngreme.

— Pepper, você vai ter que aguentar muito mais horas disso. — Seu olhar ardia quando ele acrescentou: — Oito, para ser exato, e pretendo passar cada um desses minutos entre suas pernas.

— Oito... — respirei fundo — ...horas.

Cinco era o nosso recorde.

Por quatro e meio, eu estava no subespaço, meu cérebro quase em transe. A única coisa que eu podia fazer naquele momento era fazer sons animais. Tudo ao meu redor — a presença de Bale, o quarto, a iluminação, até o ar — aumentava minha sensibilidade.

Levei horas para sair disso, para me conectar ao meu corpo novamente.

Agora, ele queria aumentar esse recorde.

Eu não sabia se eu poderia lidar com isso.

Eu não sabia se sobreviveria.

— Senhor?

— Sim.

— O que você vai fazer quando terminar? — Até mesmo o pensamento de tantas horas estava fazendo meu peito apertar, uma vibração na minha garganta que eu podia até sentir em meus dentes. — Quero dizer, uma vez que atingimos as oito horas.

Ele sorriu.

Deus, ele era tão lindo.

— Eu vou te foder.

Eu queria me aproximar dele.

Eu queria montar sua língua até que eu gozasse.

— Mas não sua boceta. — Ele me lambeu seus lábios. — Eu vou foder sua bunda.



CAPÍTULO SEIS

BALE

EU fiquei ao lado do armário, olhando para Pepper. Ela estava descansando na mesa, seu peito subindo e descendo, e esse não era seu único movimento, mas tudo bem.

Droga, ela era uma boa menina.

E ela estava exausta 'pra' caralho.

Eu usei mais do que apenas minha boca nela. O chicote e o açoite haviam feito aparições. Havia vibradores e plugues também. Sua boceta, sua parte interna das coxas, até mesmo seus seios estavam vermelhos de tudo. Seu rosto suado, seus longos cabelos escuros grudados em suas bochechas. Cada inspiração soava como uma respiração ofegante, cada expiração como um suspiro.

Eu disse a ela oito horas.

Eu lhe dei seis, e ela ainda não teve um orgasmo.

Eu tinha certeza de que ela poderia lidar com mais negação. Aquela mulher poderia lidar com qualquer coisa.

Mas eu queria que as últimas duas horas que passamos juntos fossem diferentes. Eu queria que ela se lembrasse deles pelo resto de sua vida.

Eu queria que ela... nunca me esquecesse.

Enquanto ela esfregava os pulsos onde a corda tinha estado, as marcas profundas e vermelhas, eu tinha certeza que ela não esqueceria. Não depois das palavras que ela murmurou quando estava saindo de seu subespaço.

Palavras que martelavam no gelo que cobria meu peito, sua admissão como uma porra de uma picareta.

— *Eu te amo.*

Se meus sentidos não tivessem sido aguçados pela minha própria forma de subespaço – seis horas de provocações constantes – eu não a teria ouvido.

Mas isso ecoou através de mim.

E ainda o fez.

Eu não sabia se ela se lembraria. Eu não sabia se ela admitiria dizer isso. Inferno, eu nem pensei que ela estava procurando por uma resposta. Era mais como a respiração que precisava escapar de seu corpo. E enquanto eu acariciava seu rosto segundos depois, aninhando-me em seu pescoço, dando-lhe o conforto que ela precisava para ajudá-la a sair da experiência fora do corpo, ela se tornou mais consciente.

Agora, ela estava pronta para um orgasmo.

Não levaria quase nada para consegui-lo neste momento. Não quando seu corpo tinha construído o orgasmo tantas vezes, pendurado na borda por horas. Mas antes de conversarmos, antes de nos despedirmos, era disso que ela precisava.

Voltei para a beirada da mesa, traçando sua coxa, olhando para sua boceta. A vermelhidão não tinha desaparecido. Se qualquer coisa, era ainda mais brilhante agora. Mas não importava a cor, nem que eu estivesse olhando para ela a noite toda.

Ainda era tão bonita.

A verdade era que não havia nada neste mundo que fosse tão perfeito quanto a boceta de Pepper.

O cheiro, a suavidade, a temperatura, o aperto - eu nunca senti ou vi ou provei nada parecido.

Eu sabia que nunca mais faria isso.

Seus olhos se abriram quando eu esfreguei meu polegar sobre seu clitóris, acariciando-a, acordando. A umidade me cobre tão grossa e pesada quanto antes.

— Você está bem?

Ela levou alguns momentos antes de responder: — Sim.

Ela não precisava mais se dirigir a mim. Ela podia se levantar e se mexer, fazer o que quisesse. Mas ela ficou principalmente na mesma posição, ainda tão sub, mesmo depois de seis horas de negação.

— Você quer gozar?

Seus olhos instantaneamente imploraram com os meus. — Sim, ela choramingou. — Por favor.

Deus, eu sentiria falta dessa porra de garota.

Esfreguei seu clitóris para frente e para trás, dando-lhe pressão suficiente. — Goze.

Seus olhos se estreitaram, a fome os enchendo.

— Agora.

Dentro de alguns movimentos, ela estava tremendo. Ondulações de prazer passaram por seu estômago, os gemidos mais altos se esvaziando de sua boca.

— Bale!

Sua cabeça inclinou para trás, expondo sua garganta, e eu vi seus gemidos vibrarem através dela. Seus dedos se apertaram; os dedos dos pés dobrados. O pico se manteve firme enquanto ela gritava, estremecendo até que ela parasse.

Foi quando ela olhou para mim novamente.

— Lindo 'pra' caralho — eu sussurrei.

A maioria das mulheres estaria saciada. Depois de tanta negação, um orgasmo os colocaria direto para dormir.

Não Pepper.

Ela estava apenas começando.

E eu também.

— Fique de joelhos — eu ordenei. Quando ela tentou se mover, eu a lembrei: — Devagar.

Depois de ficar de costas por tanto tempo, ela sentiria uma adrenalina no momento em que levantasse a cabeça da mesa. Eu não

queria que ela desmaiasse. Eu queria que ela tomasse seu tempo e ouvisse seu corpo.

E ela o fez, gradualmente se posicionando.

Andei ao redor da mesa, esse novo ângulo me dando uma visão diferente do meu trabalho. As marcas em seus pulsos e tornozelos eram mais profundas, mais ásperas do que eu pensava. Havia linhas em sua barriga e os topos de seus seios do chicote, quase perfeitos, pequenos círculos onde o chicote tinha pousado.

Esse estilo de vida não era algo com o qual eu me importava antes, algo em que nunca pensei. Mas quando Pepper se tornou meu alvo, eu estudei; Eu aprendi.

E descobri que tinha fetiches que nunca percebi que tinha.

Eu estava longe de ser um Mestre, mas ao olhar para ela nessa subpose, as novas marcas que fiz em seu corpo, me senti uma artista.

E minha musa era mais bonita que qualquer tela acabada.

De pé diante dela, nu, continuei a me mover ao redor da mesa até ficar atrás dela. Daqui, do jeito que ela estava inclinada para frente em suas mãos, eu podia ver suas incríveis bochechas em forma de coração, as dobras de sua boceta.

A umidade que a cercava.

O franzir de sua bunda.

Ambos eram tão apertados.

Eu disse a ela que queria sua bunda, mas agora, eu não tinha certeza.

Não quando aquela boceta deslumbrante estava olhando para mim.

Pepper não era a única a quem foi negado um orgasmo. Eu bombeei meu pau centenas de vezes durante essas seis horas. Sua boca chupou minha ponta, bebendo meu pré-sêmen tantas vezes que perdi a conta.

Eu estava reprimido.

Eu precisava de uma liberação.

— Mova-se para a borda da mesa — eu exigi, esperando que ela recuasse.

Uma vez que ela fez, eu agarrei suas coxas, deslizando-a para mim. Eu então a abaixei em seus antebraços para alinhar minha dureza com sua boceta.

— Foda-se — eu sussurrei no momento em que senti sua umidade.

Eu não estava dentro dela ainda. Eu estava apenas passando minha ponta pela entrada dela.

Me negando.

Dando-me ainda mais miséria.

Mais sofrimento.

Porque eu sabia que esta era a última vez que eu estaria dentro dela. Isso não era castigo suficiente; Eu precisava me torturar ainda mais.

Enquanto eu deslizei, Pepper não se mexeu. Ela não moveu seus quadris.

Ela apenas gemia a cada passagem, pegando, esperando.

A provocação era excruciante. Saber que sua boceta estava pronta para mim, saber o quanto ela me faria gozar, era mais tortura do que o couro de um chicote. Mais doloroso do que o tapa dos meus dedos.

— Você é um masoquista — ela chorou.

Foi quando ouvi a necessidade em sua voz, o desejo em seu tom.

— Você quer meu pau?

Eu me permiti um centímetro, a mesma quantidade que sua boca tinha me dado antes.

Mas nem um pouco a mais.

— Por favor — ela implorou.

Mesmo durante o sexo, ela era submissa. Ela assumiria o controle se eu desse a ela, principalmente se eu a colocasse em cima de mim, mas ela preferia ser dominada. Eu tive zero reclamações sobre isso; era o que eu queria também.

— Eu preciso de você, Bale. — Ela olhou por cima do ombro para mim, olhos suplicantes, lábios entreabertos. — Eu preciso que você me foda.

Mesmo que fosse apenas um centímetro, seu aperto estava me consumindo.

E estava tomando cada pedaço de força que eu tinha para não mergulhar dentro dela.

Meus dentes morderam meu lábio inferior. Minhas mãos não relaxavam dos punhos em que estavam enroladas. Até meus malditos dedos dos pés estavam esfregando no chão.

Cada pequeno empurrão para a frente - um lembrete.

Uma surra física.

Como vou superar essa mulher?

Eu não podia esperar mais um segundo.

— *Ahhh*, — eu exalei no momento em que afundei nela.

— Porra! — Seu suspiro foi seguido por um gemido. — *Simmm*.

Eu me mantive mergulhado, seu aperto envolvendo meu pau, me segurando. Seu calor e umidade fizeram meu corpo formigar.

— Maldição — eu rosnei. — Você me faz sentir tão bem.

Melhor do que bem.

A boceta de Pepper era incrível.

Toda vez que eu estava dentro dela, parecia a primeira vez de novo.

Aquele aperto.

Aquele calor.

A maneira como ela se moldava ao meu pau como se tivesse sido feita apenas para mim.

Segurei seus quadris, usando-os como alavanca para recuar e mergulhar novamente. Uma vez enterrado, fiquei naquele local, congelado, exalando meus desejos.

Eu queria sofrer.

Eu queria me causar mais miséria.

Se ela me amarrasse a esta mesa e me negasse um orgasmo, eu imploraria a ela. Mas eu sabia que ela não iria. Esse papel era só para mim, e Pepper merecia isso.

Mas, porra, eu não merecia isso.

Eu não a merecia.

A única coisa que eu podia fazer agora era dar a ela o que ela queria.

E eu faria.

— Não! — Ela chorou no momento em que eu puxei para fora depois de vários golpes duros e profundos. — Eu quero mais.

Eu também.

Minhas bolas estavam gritando.

Mas se ela ia se lembrar disso do jeito que eu queria, então eu precisava que ela gozasse com tanta força que a mandaria de volta para o subespaço.

E havia um lugar em seu corpo que faria isso.

— Você está ganhando mais. — Inclinei-me para dar uma olhada melhor naquela bela bunda. — Muito mais. — Cuspi nela, esfregando o líquido ao redor daquele ponto proibido, e então fiz isso de novo, certificando-me de que ela estava tão coberta quanto eu precisava que ela estivesse. Uma vez que eu estava satisfeito, eu me movi para a frente dela, apontando meu pau para sua boca. — Chupe.

Ela lambeu os lábios antes de cercar minha coroa, balançando o mais baixo que podia.

— Como é o gosto da sua boceta?

Ela manteve os olhos em mim, nunca quebrando esse contato.

Pepper gostava de dar tanto quanto ela gostava de receber, e eu podia ver isso em seus olhos, satisfação enchendo-os, luxúria derramando em cada exalação.

— *Mmm* — ela respirou.

Segurei seu cabelo, incitando-a a tomar mais de mim, lambe em volta do meu eixo. — Deixe-me bem molhado.

E ela fez.

A cada rotação, ela adicionava mais saliva, então quando eu puxei, eu estava ensopado.

— Droga, você é uma boa menina.

Segurei suas bochechas, dando-lhe um beijo rápido antes de retomar a posição atrás dela. Minha ponta foi direto para sua bunda, batendo naquele buraco enrugado, adicionando mais umidade a ele. Eu fui gentil enquanto trabalhava meu caminho, ficando imóvel no momento em que ela tinha tudo de mim, dando-lhe vários segundos para se acostumar com isso.

Ao fazê-lo, ela pulsava, estreitando-se ainda mais.

— Filha da puta — eu gemi, minha cabeça caindo para trás, meus dedos a apertando.

Este era um sentimento que eu nunca poderia duplicar.

Eu nunca poderia esquecer.

Eu nunca poderia ter o suficiente.

Sua bunda se esticou para caber em mim, e cada vez que eu puxava para trás e mergulhava, ela se fechava ao meu redor, ordenhando-me a cada golpe.

— Sua porra de bunda...

— Bale! — Ela gritou. — Oh Deus, eu não posso adiar. Eu tenho que gozar.

Eu precisava ouvir isso.

Eu precisava sentir isso.

Estendi a mão e encontrei seu clitóris, apertando-o entre meus dedos enquanto balançava dentro e fora dela.

— Sim! — Ela estava moendo contra mim, resistindo. — Foda-me!

Seu clitóris endureceu.

Sua bunda se apertou ao meu redor.

— *Ahhh!* — Ela respirou fundo. — Foda-se!

Ela estava tão molhada, tão confortável, que eu não conseguia me impedir de gozar também.

— Monte-me — eu exigi.

Enquanto ela gritava seu orgasmo, seu corpo inteiro estremecendo, ela saltou sobre meu pau, deslizando da ponta à base, chupando-me de volta para ela. Seus movimentos me disseram que ela queria meu esperma.

Seus gritos imploravam por isso. Cada movimento de seus quadris trazendo-o ainda mais para a superfície.

— Bale — ela gemeu. — Me complete. — Ela bateu sua bunda contra mim. — Encha-me com seu esperma.

Mais alguns mergulhos, e o orgasmo tomou conta de mim.

A sensação começou em minhas bolas, um aperto se movendo através de mim, estourando, antes que as faíscas corresse pelo meu corpo, pelo meu eixo, até nas minhas malditas pernas.

— Mais forte — eu ordenei.

Ela arqueou as costas, me dando a fricção mais perversa.

— Foda-se sim!

Ela fez isso de novo, e eu atirei minha primeira carga em sua bunda.

— Tome leite, Pepper. Foda-se o leite.

Cada impulso forçou mais fora de mim, me esvaziando, me fazendo rosnar, — Pepper — tão alto que ecoou por todo o quarto.

E assim que ela espremeu a última gota de mim, eu a senti gozar novamente.

— Sim! — Ela gritou, o aperto vindo forte. — Oh Deus.

Esfreguei seu clitóris, certificando-me de que ela estava recebendo as duas sensações, e no momento em que ela parou, eu puxei. Eu a virei até que ela me encarou, envolvendo seus braços em volta de mim, e eu a levantei em meus braços, trazendo-a para a cadeira no canto do quarto. Sentei-me na almofada, mantendo-a montada no meu colo.

Nosso tempo estava se esgotando.

O alarme do meu telefone tocava quando tínhamos apenas trinta minutos restantes.

Eu temia que isso acontecesse em breve.

Porra.

Eu precisava de mais tempo.

Eu precisava memorizar a sensação dela — assim, nossos corpos nus juntos, nossas respirações misturadas, cada emoção caindo da ponta dos meus dedos.

— Como isso pode ser um adeus?



CAPÍTULO SETE

PEPPER

Minha voz estava baixa quando falei, a pergunta ecoando em meu peito.

De novo e de novo e de novo outra vez.

Cada vez, a dor aumentava.

E cada vez, Bale me abraçou mais forte.

Em pouco tempo, isso seria apenas uma lembrança - nossos quatro meses juntos, essa noite inteira, esse abraço.

Este beijo que eu tinha acabado de afastar meus lábios.

Como posso aguentar mais?

Como posso aguentar para sempre?

Como posso fazê-lo mudar de ideia?

— Tem que ser o nosso adeus — ele finalmente respondeu.

Não havia negociação. Sem segunda chance.

Mas eu não acreditei.

Eu não acreditei nele.

Eu sabia - eu sentia - que isso não era o que ele queria.

Este não era o nosso adeus.

— Venho aqui muitas vezes para trabalhar, mas apenas por algumas horas. Não dias. Não é tempo suficiente...

Ele veio.

Ele completou qualquer trabalho que lhe foi designado.

Ele saiu.

Era isso que ele estava dizendo.

Mas ele também estava dizendo, se ele tivesse mais tempo aqui, haveria mais.

Haveria um nós.

— E Miami? — Eu perguntei. — Eu tenho um lugar lá também. — Fiz uma pausa, percebendo que tudo o que sabia sobre ele... era uma mentira. — Onde você ainda mora?

Seus dedos foram para minha bochecha, esfregando suavemente, como se estivesse tentando aliviar uma dor.

— Não é lá. — Ele suspirou. — E o lar é um lugar sobre o qual nunca posso falar.

Houve a queimadura.

A versão em papel de Bale era tão diferente do homem que eu estava olhando agora. A casa em Hollywood Hills, a Maserati, o salário de três milhões por ano — tudo fictício.

— Você não tem que me dizer — eu admiti. — Você só tem que me dar esperança. Algo para segurar, então eu sei que isso não acabou.

Ele se aproximou. Seus olhos examinando os meus. — Eu não posso fazer isso.

— Porque você não quer?

Ele balançou sua cabeça. — Longe disso.

— Porque seu trabalho não permite?

Seu silêncio me disse que eu tinha acertado.

— Então, deixe seu trabalho, Bale. Venha trabalhar para mim.

Isso me rendeu um pequeno sorriso, apenas um leve levantar de seus lábios antes de desaparecer. — Eu disse a você... só há duas maneiras de sair deste trabalho, e essa não é uma delas.

— Eu não acredito nisso. — Eu respirei fundo. — Eu não acredito que você não tenha opções. Deve haver algo que você possa fazer. Tem de haver outro jeito...

Seus lábios estavam nos meus, e eu senti sua resposta.

Droga, eu poderia até sentir o gosto.

Ele não me queria chateada.

Ele não queria que eu inventasse alternativas.

Ele queria que passássemos esses últimos momentos enrolados um no outro.

Mas eu não podia.

— Eu não posso deixar você sair pela minha porta, sabendo que nunca mais vou te ver. — Agarrei seu rosto, segurando-o como as pontas de uma corda. — Se isso fosse o que eu pensei que você queria, então isso seria uma coisa. Mas acredito que você se importa comigo, e seus sentimentos são a única coisa sobre a qual você não mentiu.

— Eu me importo com você. — Ele me beijou. — Eu não poderia fingir isso. — Seu polegar roçou meus lábios, limpando a umidade. — Você saberia; você teria sentido isso. — Ele parou no centro da minha boca. — Você sentiria isso agora.

O que eu sentia – o que ainda sentia – era o amor dele.

Nós nunca dissemos isso, mas estava lá.

Em cada segundo que passamos juntos.

Os deste quarto, os da minha casa.

Os que estão em seus braços.

— Mas eu te disse, eu volto aqui por apenas algumas horas de cada vez, e saio antes que haja um rastro de mim. Não conseguiríamos fazer funcionar.

Tinha que haver outra maneira.

Tinha que haver uma brecha.

Antes que eu pudesse encontrar uma, eu precisava entender seu trabalho.

Eu me mexi em seu colo, seu aperto se fortalecendo para ter certeza de que eu não iria longe.

— Por que você esteve aqui por tanto tempo?

Ele balançou sua cabeça. — Não posso...

Minhas mãos voltaram para seu rosto, mantendo-o firme, apontando seu olhar para o meu. — Nada jamais sairá desta sala. Provei minha lealdade a você. Você pode confiar em mim... você sabe disso. — *Eu poderia confiar nele? Na resposta dele?* — Diga-me a verdade, Bale. Eu pelo menos mereço isso.

— Você sabe o que aconteceria se isso vazasse? Se eles souberem dessa conversa? — Ele parou, dando tempo ao meu cérebro para tirar minha própria conclusão. — Eles me matariam... e então eles matariam você.

Meu peito apertou, um nó se alojou em minha garganta.

Ele estava tão profundo quanto eu temia.

— Isso não vai acontecer.

Ele continuou a olhar para mim, e eu quase podia ver seu cérebro trabalhando, girando, pesando suas opções.

— Eu prometo a você — eu disse, — isso fica entre nós.

Ele olhou para a porta, respirando fundo várias vezes. — Meu chefe precisava de acesso ao seu banco de dados de clientes.

— Porque?

— Isso é insignificante. O que importa é que você foi meu alvo. A informação que você tem em seu servidor era o que ele precisava, e só havia uma maneira de acessá-la. — Seus olhos voltaram para mim. — Podíamos acessar os dois clubes e assistir aos vídeos, mas isso não nos ajudou. Precisávamos de anos de provas, anos de declarações de impostos, anos de dados — e você tem isso. — Ele chupou o lábio inferior. — E você tem tudo isso no seu computador doméstico.

Eles não podiam acessar essas informações remotamente por causa da criptografia que havia sido colocada no meu computador. Isso foi graças a um cliente que trabalhava em TI. Eu o contratei alguns meses depois de abrir o clube exatamente por esse motivo. No entanto, eu sabia que isso não impedia alguém de ver esses arquivos de dentro da minha casa, como Bale tinha feito — algo que deveria ter sido tão óbvio para mim.

Mas não tinha sido.

Eu pensei que ele estava lá... porque ele se importava comigo.

Porque ele queria ficar comigo.

Porque ele não conseguia parar de me foder.

— Deixe-me ver se entendi isso... — Olhei para baixo, a raiva, a traição se tornando demais. — Você entrou no meu clube, sabendo do que eu gostava, porque você sabia que eu assistia aos vídeos do computador em meu escritório. Então, você aprendeu o estilo de vida e colocou uma isca. — Conectei nosso olhar novamente. — E eu mordi.

Ele assentiu.

Meus dentes rangeram. — Então, era apenas uma questão de tempo até que eu te convidasse e você tivesse tudo o que precisava.

Ele assentiu novamente. — Mas você precisa saber de uma coisa. Recebi essa informação nas primeiras duas semanas morando com você; no entanto, eu não disse isso ao meu chefe. Eu adiei minha partida o máximo que pude até não poder mais adiar.

Mesmo que ele supostamente tivesse uma casa, ele só iria lá por breves períodos de tempo - não mais do que algumas horas. O resto do tempo, ele estava comigo.

Trabalhando.

Aquele filho da puta.

— Isso deveria me fazer sentir melhor, Bale... — meu estômago se apertou — ...ou qualquer que seja o seu nome? Porque não. Isso me faz sentir ainda mais usada. Isso me faz desejar que você tivesse arrancado o Band-Aid ainda mais cedo.

Fui me levantar e ele me parou.

— É por isso que eu não queria te contar. — Seu domínio não me deixaria mover nem mais um centímetro. — Eu sabia que a verdade faria você se sentir assim, e o que você está perdendo nesta conversa, o que você não está me ouvindo dizer, são meus sentimentos por você. Pergunte-me isso, Pepper. Pergunte-me por que fiquei tanto tempo quanto pude.

— Eu não quero saber...

Seus dedos eram como dentes contra a minha pele. — Sim, você quer. Você quer saber tudo. — Suas pálpebras se estreitaram. — Pergunte-me.

Isso machuca.

As emoções no meu peito.

As palavras que ele ainda não tinha falado.

O futuro.

— Por que você ficou por quatro meses?

— Porque eu estou apaixonado por você. — Ele foi afrouxar seu aperto, apenas para me segurar mais apertado. — Porque eu não poderia imaginar passar um segundo sem você.

Eu não queria que eles enchessem.

Eu certamente não queria que elas pingassem.

Mas foi isso que aconteceu.

As lágrimas instantaneamente subiram em meus olhos, transbordando pelo meu rosto.

Eu não queria que ele visse. Eu não queria mostrar a ele esse meu lado.

Eu tentei desviar o olhar.

— Não — ele disse, me parando. Ele se inclinou para frente, lambendo as gotas da minha pele. — Elas são minhas. Eu as causei. Dê-as para mim. — Ele lambeu o outro lado, beijando meu olho. Quando ele pegou todas elas, ele recuou alguns centímetros. — Deus, você é tão linda.

— Por que? — Eu bati meu punho contra seu peito. — Por que?!

Eu nunca estive com alguém que pudesse satisfazer meus fetiches, meus desejos, e ainda me agradar sexualmente.

Eu nunca me importei com ninguém dessa maneira antes.

Eu nunca amei.

E agora, Bale era o homem que eu queria, o homem com quem eu via um futuro, o homem que poderia me dar tudo o que eu precisava.

Mas ele não era meu.

Ele era *deles*.

Eu era apenas uma fonte de informação, uma maneira de entrar.

Ele agarrou meu pulso quando eu bati nele novamente. — Por que?!

— Porque eu não posso viver sem você. — Seus lábios pressionados contra meus dedos. — Porque tirei a vida de um homem muito mais rápido do que pretendia, ganhando oito horas, e queria passá-las com você.

Até engolir dói.

As lágrimas agora eram como gotas de fogo, queimando minha pele já aquecida.

Ele era um assassino.

Um mentiroso.

E alguém em quem eu definitivamente não podia confiar.

— Eu gostaria que você não tivesse vindo aqui.

Seus dentes roçaram a mesma pele que ele tinha acabado de beijar. — Você não quer dizer isso.

Eu podia sentir seu olhar todo o caminho em meu estômago.

— Você tomaria oito horas como nada – isso é o que é o amor, Pepper. É agarrar-se a qualquer coisa que você possa conseguir. — Sua boca se moveu em direção à minha. — E você está fodendo diminuindo este tempo que temos juntos, assim como eu estou.

Eu balancei minha cabeça, separando nossos lábios. — Não. — A palavra marcou minha língua quando saiu. — Eu não estou. — Eu coloquei minhas mãos em seus ombros e me levantei, lutando contra sua força para dar alguns passos para trás.

— Eu não te amo. Eu amei o homem que pensei que você fosse. — Olhei-o de cima a baixo, encarando-o. — Eu nem sei quem você é, mas agora eu sei que você é um assassino e um mentiroso. — Cruzei os braços sobre o estômago. — E eu não quero nada com você. — Meu peito arfava; meu queixo tremia. — Eu nunca mais quero ver você.

Corri em direção ao armário, onde guardava um roupão que rapidamente amarrei em volta do corpo. — Saia.



CAPÍTULO OITO

BALE

— Você quer que eu... vá embora?

O alarme ainda não tinha tocado no meu telefone. Ainda tínhamos tempo juntos. E neste ponto, cada segundo contava.

Ela se moveu para o outro lado do quarto, o mais longe de mim que podia. — Sim, e eu vou observar você, então não há surpresas desta vez. Quero ver você passar pela porta, sabendo que nunca vai voltar. — Ela estendeu sua mão. — E eu quero sua chave.

Eu a machuquei.

Eu não poderia concertar isso.

E eu menti para ela.

A única maneira de melhorar isso era ser honesto.

Mesmo que honestidade fosse algo que ela não queria mais de mim.

— Eu sinto muito. — Fiquei sentado, minhas mãos nas minhas coxas.
— Eu sinto muito, Pepper. Queria dizer-te...

— Eu não me importo.

Eu não acreditei nisso.

— Eu vou te dizer de qualquer maneira. — Minha cabeça caiu, meu colo nu agora era a única coisa que eu estava olhando. — Houve tantas vezes que eu quis compartilhar a verdade com você. Eu queria dizer quem

eu era e a verdadeira razão pela qual eu estava aqui, mas isso não mudaria o resultado. — Eu finalmente olhei para cima, seu olhar me esfaqueando na porra do peito. — No final, eu sempre teria que sair; era apenas uma questão de quando. — Engoli. — Então, tomei a decisão de preferir que você sinta minha falta, como sentiu, do que me odiar, como você está agora.

— Então, você não deveria ter voltado. — Ela respirou fundo, seus lábios queimando. — E agora, eu sei o quão enganador, manipulador e destrutivo você é. E quando eu pensar em você, é disso que eu me lembrarei. Não os quatro meses que passamos juntos. Nem mesmo o momento em que você me disse que estava apaixonado por mim. — Ela voltou para o meu lado do quarto, pegando minhas roupas e jogando-as em mim. — Vista-se, Bale, e dê o fora.

Esprei para ver se ela mudaria de ideia.

Quando sua expressão não vacilou nem um pouco, eu me levantei da cadeira e vesti meu terno. Uma vez que eu estava vestido, amarrei meus sapatos e enfiei a mão no bolso enquanto caminhava em direção a ela.

Mesmo com raiva, ela era a mulher mais bonita que eu já tinha visto.

E tive a sorte de ter passado tanto tempo com ela.

De pé na frente dela, respirações separadas, coloquei a chave em sua palma. — Eu te amo, Pepper.

Ela não disse nada.

Mas havia emoção em seu rosto; ela estava apenas tentando como o inferno esconder isso.

— Porra, eu sempre vou te amar — acrescentei.

Inclinei-me para lhe dar um beijo, esperando que ela aceitasse.

O que me rendeu um tapa.

Bem na porra do rosto.

Eu merecia isso.

Porra, eu merecia ainda mais.

— Adeus — eu sussurrei.

Ela ficou em silêncio.

Seus olhos nunca deixaram os meus, mas ela disse muito em seu olhar.

Eu segurei seu olhar por vários segundos, e então entrei no corredor e atravessei o clube. Assim que eu estava do lado de fora, entrei no carro que estacionei na parte de trás e peguei meu telefone.

Quarenta e dois minutos.

Esse era o tempo que nos restava.

— Porra! — Eu bati meu punho contra o volante. — Porra, porra!

Eu nunca tive qualquer intenção de dizer a verdade a ela.

Além das pessoas para quem trabalhei e das pessoas com quem trabalhei, ninguém sabia nada sobre mim.

Liberar esse tipo de informação poderia me matar.

Eu fui treinado para manter esse segredo, para suportar a tortura antes de quebrar meu silêncio.

Esse foi um juramento que fiz quando aceitei este trabalho. Eu conhecia as consequências; Eu conhecia os sacrifícios.

Nunca tinha sido um problema.

Mas isso foi antes de Pepper.

E nesses quatro meses, minha vida mudou completamente.

Agora, tudo que eu sentia era culpa.

Da bagunça que eu criei, das lágrimas que eu estava deixando para trás.

Meus lábios nunca tocariam os dela novamente.

Minhas mãos nunca sentiriam o calor de seu corpo.

Seus olhos nunca pousariam nos meus, mostrando-me o amor que ela tinha em seu coração.

Mas naquele tempo que tivemos juntos esta noite, eu a memorizara.

Seu cheiro, sua sensação, seu toque.

Em um mundo diferente, eu nunca teria ido embora. Nos próximos meses, eu teria colocado um anel em seu dedo. E em alguns anos, quando

sua barriga inchasse com meu filho crescendo dentro dela, eu teria que aprender a aliviar meu toque.

Mas isso não poderia acontecer.

Não a menos que eu deixasse a organização e desaparecesse da face da terra.

Pepper teria que desistir de tudo, de todos, perdendo sua identidade.

Ela se tornaria um fantasma.

Assim como eu.



CAPÍTULO NOVE

PEPPER

— Elefante! — Gritei minha palavra de segurança escolhida para a noite, e Charles imediatamente puxou o vibrador do meu clitóris.

Eu estava tão desesperada para apagar Bale da minha memória que fui ao clube esta noite e trouxe um dos membros para o meu quarto privado.

Charles Tuck, um consultor financeiro das estrelas, deveria ser um Dom. Pelo menos, foi o que ele prometeu quando perguntei se ele queria jogar, garantindo que ele tivesse experiência com a negação do orgasmo. Na verdade, ele garantiu que eu não tive nada como ele antes.

Ele estava certo sobre isso.

Eu nunca tinha experimentado alguém tão chato na minha vida.

Eu não podia acreditar que tinha quebrado minha regra.

Por ele.

Eu também não podia acreditar que quanto mais tempo ele segurava o vibrador no meu clitóris, mais eu pensava em Bale. Quanto mais eu desejava que fosse sua boca me lambendo. Seu peito nu e esculpido eu estava olhando. Seu olhar dolorosamente bonito me acolhendo.

Charles foi para a frente da mesa, segurando o longo massageador rosa em suas mãos, sulcos profundos de preocupação gravados em sua testa. — Eu estava machucando você?

— Não, querido... — Eu não queria irritá-lo. Ele era membro há vários anos. Ele me enviou referências. Ele era excelente para os negócios, mas não para mim. — Minha cabeça não está nisso esta noite.

— Posso tentar outra coisa. — Ele roçou o interior da minha panturrilha com a parte de trás dos dedos.

Eu queria gritar.

Em vez de me excitar, tudo o que fez foi me irritar.

— Eu aprecio você tentando. — Notei a decepção em seu rosto. — Tive uma semana difícil. Achei que poderia sair um pouco da minha cabeça, mas não consigo. — Fiz uma pausa, vendo que precisava adicionar mais. — Sou eu, Charles. Não é você.

— Eu posso usar minha boca. — Ele lambeu os lábios, deixando uma bolha de saliva para trás.

Até mesmo o golpe de sua língua estava errado.

Não havia luxúria, carisma, calor.

Como se ele estivesse lambendo o creme azedo depois de comer meio taco.

— Ou podemos tentar outra coisa? — Ele caminhou em direção ao centro da mesa, seus dedos permanecendo em mim, subindo mais alto até meus seios. Ele traçou um mamilo, e quando não ficou duro, ele o beliscou. — Que tal um pouco de açoitamento? — Ele sorriu, mostrando um conjunto perfeito de folheados. — Esse é um dos meus favoritos.

— Não esta noite, querido. — Eu puxei as algemas de metal. — Que tal você me libertar e nós vamos tomar uma bebida?

— Tem certeza? — Ele esfregou seu pau contra minha mão algemada. — Podemos nos divertir um pouco.

Nossas definições de diversão tinham anos de diferença. Seu pau era a última coisa que eu queria perto de mim.

— Sim eu tenho certeza. — Eu sorri. — Mas obrigado.

— Como você quiser.

Ele pegou a chave no armário e destravou meus pulsos e tornozelos, e no momento em que fiquei livre, coloquei meu roupão. Charles vestiu a camisa que havia tirado e caminhamos juntos até a porta.

— Você foi adorável — eu disse, correndo meu dedo pelo seu peito, agradecida que agora estava coberto por uma camisa de botão. — Você é um bebedor de uísque?

— Eu sou.

— Acabamos de receber um novo que acho que você achará excepcionalmente suave. — Eu abri a porta. — Me siga.

Levei Charles até o bar e instruí meu barman a servir-lhe um copo de nosso novo uísque e uma vodka com gelo para mim, e enquanto esperávamos por nossas bebidas, absorvi as conversas ao nosso redor. As pessoas não costumavam falar de negócios no clube. Na maioria das vezes, eles nem usavam seus nomes verdadeiros.

Eles falavam sobre seus fetiches.

Eles compartilhavam seus outros interesses físicos.

Eles olhavam.

Eles se tocavam.

Eles provocavam.

E era isso que estava acontecendo agora.

— Essas costas... — Charles passou os dedos pela minha espinha, a seda do meu roupão me excitando mais do que ele — ...pareceria incrivelmente sexy com marcas de açoite manchadas por ela.

Virei-me bem a tempo de pegar minha bebida e bati meu copo contra o dele. — Da próxima vez, faremos isso acontecer.

— Estou ansioso para isso.

Assustei-me com a vibração do meu telefone, sem me lembrar que o tinha colocado no bolso do meu roupão. O mais discretamente que pude, verifiquei a tela, vendo uma mensagem de texto no centro.

Palavras que me pegaram completamente de surpresa.

— Está tudo bem? — Charles perguntou.

Olhei para cima.

Eu não sabia o que dizer a ele.

Eu não conseguia pensar.

Eu não conseguia nem processar o que tinha acabado de ler.

Mas eu sabia que não podia ficar aqui e conversar com ele.

— Desculpe-me um segundo — eu disse.

Ainda segurando minha bebida, corri para a escada privada e digitei meu código na fechadura da porta. Ao abri-lo, subi correndo as escadas para o meu escritório e olhei para a tela novamente no momento em que entrei. Minhas mãos tremiam enquanto eu bebia metade da vodka.

Desconhecido: Ele não sou eu.

Bale.

Ninguém mais poderia ter enviado essa mensagem.

Ninguém mais tinha acesso aos vídeos da câmera dentro do meu clube.

Ninguém mais se importaria o suficiente para acessar o sistema e assistir.

Eu não estava surpresa. Mas, meu Deus, ele teve coragem de chegar até mim. Para dizer essas palavras.

Para rastejar de volta à minha vida depois que eu o expulsei e disse a ele que nunca mais queria vê-lo novamente.

Não havia câmeras no meu escritório. Este era o único espaço que ele não conseguia ver. Mas eu tinha certeza que ele tinha me visto reagir ao seu texto e correr para as escadas.

E algo me disse que ele estava olhando para o telefone, sabendo que minha resposta estava a caminho.

Eu deveria ignorá-lo. Eu deveria apagar a mensagem.

Mas eu não podia... e eu me odiava por isso.

Eu: Como você se atreve.

Desconhecido: Você sente minha falta...

Mais do que palavras podem descrever.

Duas semanas se passaram desde que ele saiu do meu clube. Naquela época, tudo que eu pensava era nele.

As mãos dele.

A boca dele.

Sua presença.

Seu amor.

Por quê?

Eu não entendia por que eu não conseguia esquecê-lo, por que eu não estava nem perto de entender o que ele tinha feito.

Por que o tempo estava fazendo doer mais do que menos.

Eu: Você não está respeitando meus desejos. Não quero nada com você, você sabe disso.

Apertei Enviar e, em um segundo, meu telefone estava tocando, Desconhecido na tela.

Eu não queria responder. Eu não tinha absolutamente nada para dizer a ele.

Eu tinha certeza de que ele não poderia tornar isso melhor. Ele não poderia fazer doer menos. Ele não conseguiria tirar a angústia do meu peito e as lágrimas permanentes nos meus olhos.

Ele não poderia mudar o resultado da nossa história.

Mas, ao mesmo tempo, eu não queria nada mais do que ouvir sua voz. Estar perto dele. Para saborear sua atenção, mesmo que fosse pelo telefone.

No terceiro toque, segurei meu celular contra meu rosto e ele disse: — Preciso de você — no momento em que atendi.

Arrepios se espalharam pelo meu corpo.

A umidade se formou instantaneamente entre minhas pernas.

Eu não conseguia encontrar minha respiração para responder, sua voz fazendo meus pulmões esvaziarem, meu peito latejando tão forte quanto minha boceta.

Charles não podia fazer isso comigo.

Ninguém poderia.

Só Bale.

Engoli mais alguns goles de vodka e fechei os olhos com força, segurando minha garganta enquanto dizia: — Eu te disse...

— E eu sei que você não quis dizer isso. — Sua voz era tão baixa e áspera que parecia como pedras lisas de rio descendo pela minha espinha. — Você sabe que o homem que estava diante de você duas semanas atrás era o mesmo homem que viveu com você por quatro meses. Você sabe que, além de minha ocupação e nome, não há diferença. Você pode tentar lutar contra nossa conexão o quanto quiser, mas não vencerá. Eu possuo você, da mesma forma que você me possui, Pepper.

Meus olhos se abriram, minha cabeça caindo para trás enquanto eu preenchia meus pulmões. O ar que agora se movia pelo meu peito me fez formigar ainda mais. — O que você quer, Bale?

— Você.

Meu coração apertou. — Isso é impossível.

— É isso? — Ele soltou um gemido suave e dolorosamente sexy. — Pelo que eu vi, eu tinha controle total sobre você enquanto você estava em seu quarto privado. Você não conseguia me tirar da cabeça. Você não conseguia parar de fantasiar sobre o que eu faria com você. Você não conseguia parar de desejar que fosse minha boca na sua boceta em vez daquele vibrador de merda. — Ele fez uma pausa. — Por que você não o fez usar sua língua, Pepper? Por que você o parou depois de quinze minutos? Havia barulho ao fundo, o que parecia ser tráfego, e então tudo ficou quieto novamente. — Você poderia estar no supermercado, você parecia tão entediada.

Não havia razão para negar o que ele já sabia; ele tinha visto claramente a verdade.

Eu odiava que ele pudesse ver através de mim.

Eu odiava que ele tivesse me machucado e ele ainda tinha esse tipo de controle.

— O que você quer me ouvir dizer? Que não consigo parar de pensar em você? — Eu empurrei minhas costas contra a parede, precisando da dureza para me segurar. — Que eu gostaria que tivesse sido você em vez dele?

— Que não importa o quanto você tente, você não pode me substituir.

Dobrei meu joelho, colocando meu pé contra a parede, meu braço circulando em volta do meu estômago. — Mas nada disso importa. Você me machucou. Você mentiu para mim. Eu nem sei quem você realmente é.

E ainda por cima, você nos colocou em uma situação em que não podemos ficar juntos. — A emoção estava batendo no meu peito. — Por que continuar me segurando, Bale? Me deixar ir. — Minha voz estava subindo, e percebi que estava implorando, suplicando. — Por favor, deixe-me ir.

— Não posso. Eu te amo.

Fiquei em silêncio enquanto absorvia sua confissão, as palavras me atingindo com tanta força. Eu não as deixaria viver dentro do meu cérebro. Eu não podia. Então, eu as forcei a sair e respondi: — Mas você precisa.

— Eu? — Ele respirou fundo, o som tão familiar que eu podia imaginar a forma como seu peito se expandia, seu nariz se dilatando um pouco, a forma como seus lábios se separavam. — Ou eu posso te dar o que você quer. O que nós dois queremos. — Houve movimento novamente e então silêncio. — Abra seu roupão, Pepper.

Havia duas coisas que eu queria.

Uma era para ele estar em minha casa no momento em que eu voltasse para ela e para ele nunca mais me deixar.

A outra era uma negação do orgasmo – pela qual meu corpo estava gritando.

Sua ordem fez meus mamilos endurecerem imediatamente, o material esfregando contra eles tão macio e persistente quanto sua língua.

— Bale...

— Abra sua porra de roupão e coloque o dedo em seu clitóris. Apenas um dedo — não se dê mais. Não se trata de ser gananciosa.

Minha mão livre se fechou em punho, meus dedos parecendo que estavam pegando fogo. Eu estava me contendo, usando todo esforço para manter a palma da mão contra o estômago.

Eu não podia ceder a ele.

Eu não poderia ceder a essa necessidade.

Mas eu não acho que eu poderia lutar com ele também.

Eu não era forte o suficiente.

Eu não tinha o poder.

— Bale...

— Faça isso agora, porra, Pepper. E não ouse me chamar desse nome. Eu sou o senhor. Você sabe melhor que isso.

Eu estava acabada.

Não havia mais luta em mim.

Seu domínio era algo que eu não poderia vencer.

Algo que eu não queria ganhar.

A submissão não era apenas o que era natural para mim, o que me excitava; foi o que nos uniu.

E agora, esse vínculo parecia tão grosso quanto sangue.

Estremeci com a ordem do meu Mestre, minhas costas caindo na parede até que o chão estava sob minha bunda e minha mão estava se movendo entre as minhas pernas.

— *Mmm* — eu gritei no segundo em que meu dedo tocou meu clitóris.

Minha pele acordou.

Meus sentidos explodiram.

— Eu quero que você esfregue apenas o topo de sua boceta. Não desça mais e não enfie. — Ele fez uma pausa. — Sim, Pepper, esse é exatamente o barulho que eu quero ouvir de você. — Minha respiração ficou mais alta quando ele acrescentou: — Esses seus malditos gemidos. Droga, não consigo tirá-los da minha cabeça.

Meus olhos se fecharam novamente, meus joelhos dobrando e se afastando. — Senhor...

— Pare. Você está chegando muito perto. — Ele esperou, me ouvindo, avaliando meus sons. — Eu preciso de seu pulso parado e seu dedo congelado. Nem mesmo uma porra de contração muscular, você está me ouvindo?

Levou segundos para me trazer até ali, para aquele lugar onde meu corpo estava a um passo de estremecer.

Ele sabia.

E ele não permitiria.

— Você está pensando na minha língua? — Eu podia ouvir seu sorriso. — Como seu clitóris se sentiria se eu estivesse lambendo? Se eu

estivesse passando na sua boceta e depois até sua bunda, circulando aquele buraquinho sensível, preparando-o para o vibrador, que eu gostaria de enfiar dentro dele? — Ele gemeu. — Você quer isso, Pepper? Você quer que eu foda sua bunda enquanto eu lambo sua boceta, negando você toda vez que você chegar perto? Mais e mais porra – por horas.

Eu não conseguia respirar.

Eu não conseguia pensar.

Tudo o que eu podia fazer era exalar, — Oh Deus.

— Agora, toque-se novamente, dois dedos desta vez. Eu quero que você esfregue-os horizontalmente em seu clitóris. Mas basta usar as pontas dos dedos. Eu não quero suas unhas em qualquer lugar perto de sua pele.

Eu segui sua ordem, meu corpo perdido em sensações.

Meus dedos dos pés se dobraram no chão duro; meus joelhos tremeram.

— *Ahhh* — eu chorei.

— Agora pare. — Ele riu, o som tão erótico, até isso me fez gemer. — Não está demorando muito para você esta noite, não é?

— Não senhor.

— Esta é a primeira vez que você se tocou desde que eu saí?

Eu mastiguei meu lábio. — Sim.

As últimas duas semanas foram as mais longas que eu já passei sem um orgasmo. Eu estava tentando aumentar o desejo, o desejo, até o ponto em que no momento em que eu encontrasse um novo Dom, eu estaria tão reprimida que meu corpo se curvaria para ele.

Então Bale não seria mais um pensamento.

Que eu iria purgá-lo da minha memória, como se ele nunca tivesse existido.

Mas aconteceu exatamente o oposto, todo o meu plano foi um completo desperdício.

Não importava quem entrasse no meu quarto privado esta noite – experiente, novato, o membro mais sexy do meu clube. Ele não teria sido Bale.

— Você estava esperando por mim...

Minhas pálpebras se apertaram, a verdade tão clara, tão óbvia. — Sim senhor. Tudo o que eu quero é você.

— Quero recompensá-la por isso.

Olhei para baixo do meu corpo, onde meus dedos estavam pairando acima do meu clitóris. — Por favor. — Eu parecia tão carente. — Oh Deus, senhor, por favor.

— Baby, eu faria qualquer coisa para te provar agora, para substituir seus dedos pela minha língua. Eu não posso imaginar o quão bom é o gosto de sua umidade, toda pura e espessa, equivalente a duas semanas. Seria o suficiente que eu pudesse engolir você. Isso é o que eu quero, você sabe, engolir e saborear você. Manter você no meu rosto, para que eu possa sentir seu cheiro toda vez que eu respiro.

Meu clitóris estava queimando.

Eu não conseguia lidar com o formigamento, as faíscas, a necessidade pulsando através de mim.

Era demais.

Muito esmagadora.

— Você gostaria disso, Pepper? Você gostaria que eu cheirasse você o dia todo? Para eu lamber meus lábios e provar você? Para eu comer todas as refeições, sabendo que seu líquido seco estava no meu rosto? — Ele respirou várias vezes, cada uma tão alta, tão sexual. — Eu preciso de você na minha barba. Eu preciso que você sinta essa barba no interior de suas coxas. Eu preciso de seus lábios chupando a ponta do meu pau, me dando um gostinho de como sera sua boceta. *Foda-se*. — Ele fez uma pausa. — Essa porra de boceta, um aperto que nunca senti antes na minha vida.

— Senhor!

Meu dedo ainda estava acima do meu clitóris.

Esperando.

Eu estava tão desesperada para me tocar que eu poderia chorar.

Mas eu estava petrificada para fazê-lo ao mesmo tempo, porque bastaria o menor arranhão do meu dedo e eu não seria capaz de me impedir de mergulhar naquela borda.

Mesmo uma pequena explosão de ar da abertura acima da minha cabeça poderia fazer isso acontecer. Uma brisa passando pelo meu clitóris, e eu estaria perdida, tremendo, gritando minha libertação.

— Você quer se tocar, Pepper?

Eu não me movi. Uma pergunta não era a mesma coisa que uma ordem.

— Sim.

— Você quer gozar?

— Oh Deus, sim.

Suas palavras foram tão boas quanto a mordida de um chicote. Suas descrições tão atraentes quanto o tapa de sua mão.

Eu sabia o que ele estava fazendo.

Eu sabia que ele estava compensando sua incapacidade de me tocar.

E estava funcionando.

A negação foi tão forte quanto eu já senti.

— Você vai conseguir se tocar, e você vai conseguir gozar, mas não agora.

Eu chupei em um suspiro. — Não senhor?

Houve mais movimento do outro lado do telefone, seguido de silêncio.

— Estou trabalhando em algo. Algo que eu quero que você esteja aberta. Algo que eu preciso que você considere.

Meu cérebro não estava lá.

Estava em um lugar que teve meus dedos no limbo e meu orgasmo em um futuro muito próximo.

Mas ele estava me tirando daquele espaço e me fazendo encarar a realidade.

Uma realidade que iria prolongar essa negação por mais tempo do que as duas semanas que eu já tinha experimentado.

Meus pés caíram, minhas pernas se endireitaram e minha mão caiu em cima da minha coxa. — O que você está dizendo?

— Você vai descobrir muito em breve.

Olhei para a umidade em meus dedos. — Isso é... adeus?

— É por enquanto.

E então o telefone ficou mudo.



CAPÍTULO DEZ

BALE

Eu: Eu tenho uma janela. É em vinte e quatro horas. Posso pegar o avião da minha empresa e terminar um trabalho para o qual fui contratado, ou posso voar para Los Angeles em um avião particular que pago e busco você. É uma decisão que tenho que tomar, mas preciso que você me ajude.

Pepper: Para onde vamos?

Eu: Para um lugar longe dos Estados Unidos, um lugar onde ninguém jamais poderia nos encontrar.

Pepper: Você quer dizer...Para sempre.

Eu: Isso mesmo. No momento em que entramos naquele avião, não há como voltar atrás. Não há retrocesso. Para protegê-la e garantir nossa segurança, você terá que desistir de tudo e de todos que conhece.

Pepper: Bale, você entende o que está pedindo?

Eu: Eu sei exatamente o que estou pedindo e os sacrifícios que você terá que fazer. A questão é, eu valho a pena? Você quer isso, eu, bom o suficiente para desistir de tudo que você conhece?

Pepper: Quando eu tenho que decidir? Quanto tempo você está me dando?

Eu: Agora.

Pepper: Ligue para mim.

Eu entrei no prédio, fugindo do barulho da rua, e disquei o número que eu sabia de cor. Um que eu nunca poderia armazenar neste telefone, mesmo que minhas chamadas e textos não pudessem ser rastreados.

— Bale... — Pepper disse enquanto respondia.

Eu levantei minha mão para minha têmpora, apertando o ponto que latejava, com raiva de mim mesmo por esperar tanto tempo para dizer a ela, — Logan. Meu nome é Logan.

Ela ficou em silêncio por vários segundos. — Eu não posso acreditar no que você está me pedindo. Que você quer que eu tome esse tipo de decisão tão rapidamente. Tenho família, tenho amigos, tenho um negócio...

— Você me tem. Eu prometo que sou a única pessoa que você vai precisar em sua vida. — Minha mão foi para minha cintura, sentindo a coronha da minha arma. Uma que eu sempre teria que carregar, mas esperava que, depois que voássemos juntos, uma que eu não precisasse mais usar. — Eu vou te dar tudo o que você sempre quis, mas eu preciso de uma resposta sua.

— Ba-Logan... — Ela respirou fundo. — Eu não posso tomar esta decisão neste exato segundo. Preciso pensar, preciso processar, preciso...

— Eu. É disso que você precisa, Pepper, de mim.

— Oh Deus. — Ela ficou quieta novamente. — Isso é tanto... eu não estou preparada para isso.

Eu estava ficando sem tempo.

Isso ia exigir uma quantidade imensa de planejamento. Eu teria que canalizar meu dinheiro por vários canais, lavando-o, convertendo-o em uma nova moeda. Eu precisaria garantir nossos passaportes e certidões de nascimento.

Eu tinha que transformar Pepper e Logan em fantasmas.

Enquanto ela tinha que se preparar mentalmente para as despedidas, eu tinha que ter certeza de que não seríamos encontrados e mortos.

— Amanhã à meia-noite é quando nosso avião vai decolar — eu disse a ela. — Eu preciso que você decida agora mesmo se você estará naquele voo comigo.

Várias batidas se passaram antes que ela respondesse: — Sim — Ela fez uma pausa. — Logan... eu vou a qualquer lugar com você.

